

GONZALO AGUILAR

Tradução de Gênese Andrade

Contatos argentinos de

Mário de Andrade

O estudo dos epistolários tem suscitado um renovado interesse na crítica cultural e literária. E isso é particularmente certo no caso do Brasil, onde foram editadas nos últimos anos várias compilações cuidadosamente anotadas: os múltiplos livros de cartas de Mário de Andrade (mais de doze títulos publicados de 1990 até hoje), a *Correspondência Incompleta* de Ana Cristina César ou *Uma Carta uma Brasa Através* de Paulo Leminski são alguns dos exemplos que falam do auge do gênero.

O fato de que Mário de Andrade seja um dos protagonistas desse *revival* não deve surpreender-nos. O escritor paulista não só foi um arquivista de si mesmo organizado e meticuloso, mas também um referencial e interlocutor de outros escritores em car-

tas que são uma prova de amizade e talento. Chamado “correspondente contumaz” por Fernando da Rocha Peres, na edição das cartas a Pedro Nava, Mário é um escritor ideal para o estudo do gênero e para responder ao enigma que todo epistolário apresenta: os complexos vínculos entre desejo e cultura. Para os escritores, a carta é o instrumento básico para a criação de redes intelectuais que sirvam como plataforma de concretização de seus projetos, suas fantasias ou suas idéias. Para os críticos, a carta é a possibilidade de reconstruir esse vínculo e lançar hipóteses sobre os elos entre trajetória pública, vida íntima e atividade literária, particularmente dramáticos no caso de Mário de Andrade.

Mário de Andrade e a Argentina: um

País e sua Produção Cultural como Espaço de Reflexão, de Patricia Artundo, participa dessa crítica que confere um lugar estratégico às cartas e nos entrega uma pesquisa na qual, ao conhecimento detalhado do arquivo do escritor, se soma o manejo competente das fontes argentinas, sobretudo aquelas ligadas às artes plásticas, área em que a autora vem trabalhando há vários anos. Dessa forma, Artundo pode operar com um duplo olhar cultural (o que oferecem os arquivos brasileiros e os argentinos) e também com um olhar mais íntimo, o do próprio Mário de Andrade em suas cartas e em seus arquivos pessoais (recortes de jornais e revistas, registros bibliográficos de sua biblioteca, esboços de artigos ou manuscritos). Como parte de uma pesquisa que revelou diversos documentos, Artundo nos entrega nesse livro uma parcela de sua tese de doutorado, na qual trata do lugar primordial que a arte e a cultura argentinas tiveram na obra de Mário de Andrade.

Para mostrar as diversas arestas de um processo complexo que se manifestou em diferentes períodos e em torno de vários interesses, Artundo organizou seu livro em seis capítulos. O primeiro, intitulado “Espaços de Encontro”, analisa os recortes sobre a Argentina que Mário colocou metodicamente em cadernos, os quais, ao modo de Benjamin, bem se poderiam intitular *O Livro das Passagens*. *Collage* de recortes que desvelam os percursos de leitura e de interesses de Mário, esse material de arquivo serve para que Artundo arme o “espaço” ou cenário no qual atuará seu protagonista. No segundo capítulo, “Os Empreendimentos Editoriais de Monteiro Lobato e Manuel Gálvez”, esse *espaço* adquire dimensão histórica: quais haviam sido as tentativas prévias na armação de redes intelectuais, literárias e editoriais entre a Argentina e o Brasil? Que panorama encontraram os escritores e

artistas da Semana de 22? Os dois capítulos seguintes reconstroem a leitura que Mário de Andrade fez dos movimentos de renovação argentinos durante os anos 1920: sua admiração por Güiraldes, a comparação entre os diferentes movimentos e seus conhecimentos das artes plásticas, principalmente de Emilio Pettoruti. O penúltimo capítulo está centrado em uma etapa muito diferente da vida de Mário, quando seu interesse estava voltado para a questão nacional e o estudo do folclore e da música popular. Finalmente, o último capítulo é dedicado à recepção de Mário de Andrade na Argentina e à difusão tardia de sua obra, pouco antes da morte do autor em 1945.

Segundo a hipótese de Patricia Artundo, a Argentina teve na obra de Mário de Andrade um “caráter instrumental” (p. 183), já que, a partir da “aberta confrontação” (p. 140), ele pensou a *diferença* brasileira, e o fez, sobretudo, em dois momentos: durante os anos 1920, com os movimentos de vanguarda, e nos anos 1930, com os estudos sobre o folclore. As notícias um pouco fragmentadas que Mário tinha da cultura argentina eram o fundo sobre o qual se delineava a situação brasileira no momento de fazer um balanço de seu estado e de suas potencialidades. Para mostrar essas operações, Artundo põe em cena todos os protagonistas culturais, desde os que depois seriam canônicos aos escritores menores, como Luis Emilio Soto e Pedro Juan Vignale, que, apesar de sua posição periférica nos movimentos de renovação, tinham a característica de querer articular renovação estética e mudança social. No fato de que essa articulação tenha ocupado um lugar menor em vários dos mais importantes escritores argentinos (penso em Borges, Gironde, Güiraldes) deve-se buscar a razão pela qual a figura de Mário de Andrade não teve uma repercussão maior na Argentina. O mesmo teria que ser dito sobre a

GONZALO AGUILAR
é professor da
Universidade de Buenos
Aires.

*Mário de Andrade e a
Argentina: um País e sua
Produção Cultural como
Espaço de Reflexão*, de
Patricia Artundo, tradução
de Gênesse Andrade, São
Paulo, Edusp/Fapesp,
2004.

aproximação ao folclore e à cultura popular, que na Argentina dos anos 1930 não aclamava os escritores que já ocupavam posições dominantes (basta ler, como mostra, a bibliografia de autores argentinos que Artundo reproduz no Anexo de seu livro).

Para além dessas dificuldades que podem ter incidido na recepção da obra de Mário na Argentina, nunca deixam de ser interessantes as conclusões que ele extrai e que foram centrais em seu desenvolvimento como escritor e pesquisador. Assim, ele sustenta, baseando-se na tradicional diferença entre civilização e cultura, que corresponde aos argentinos um grande desenvolvimento na primeira, mas que não têm na segunda o potencial que o Brasil tem: “De fato eu acho” escreve Mário em uma carta, “que os argentinos já atingiram uma civilização intelectual, um refinamento de pensar à européia, maior que os brasileiros. Não digo cultura não, mas civilização intelectual” (p. 167). Artundo situa todos esses elementos no contexto histórico e os analisa com rigor, mostrando como a relação de Mário de Andrade com a Argentina é “um espaço de reflexão” e uma viagem de exploração.

Nos múltiplos textos que Artundo descobre e nos traz para leitura, há inúmeras jóias e surpresas. Nas cartas, encontra-se frequentemente a confissão que não se quer fazer pública ou a impressão de leitura anotada como de passagem, como se fosse um rascunho: “Você me pergunta na carta se li os artigos do Jorge Luis Borges e *El Idioma de los Argentinos*. Principiei lendo e tudo ficou largado no meio com impossibilidade de ler e enjôo pelo Luis Borges. Me parece que ele está ficando sentencioso, numa velhice prematura de acadêmico cheio de fichas. Uma sabença muito de fachada, muito arquitetônica e com pouca engenharia. Em todo caso, isto não passa dum juízo de... quem não leu. E você já sabe a estima intelectual que tenho pelo J. L. Borges” (p. 93). E nos artigos publicados, a percepção que Mário tinha das vanguardas argentinas, com uma fascinação pela figura de Güiraldes, ou o olhar que constrói para aproximar-se do argentino:

“Aqui no Brasil a palavra ‘estrangeiro’ só é conhecida pelos semicultos. Meu povo só fala em ‘estranhos’. Naqueles que a gente estranha um bocado pelo modo de falar e de sentir. É como estranho que escrevi tudo isto” (p. 78). Finalmente, entre outros achados de Artundo, encontra-se a fantástica resenha de Lidia Besouchet para *Argentina Libre*, de 1942, incluída no Anexo, em que Besouchet insiste em apresentar Mário como um poeta hermafrodita, com “uma parte mulher” na qual se destaca “a essência feminina de seu lirismo” (p. 200).

Os materiais que *Mário de Andrade e a Argentina* reúne são articulados pela autora em um trabalho crítico que se poderia denominar uma sociologia da cultura. Às vezes, no entanto, pareceria que a generosidade que esse enfoque apresenta (uma localização histórica dos artistas e escritores, uma descrição mais rigorosa da trama cultural, uma periodização mais meticulosa) deixa um pouco de lado o sentido potencial de certos textos ou de certas imagens, como se estas não pudessem proporcionar um *plus* interpretativo. Se *Mário de Andrade e a Argentina* consegue driblar essa deficiência, é porque oferece outra coisa: um desses raros casos em que um crítico pode mover-se com igual habilidade e conhecimento em duas culturas diferentes, sabe transitar pelos arquivos e pode entregar todo esse material com exaustividade e precisão.

Assim, o livro de Patricia Artundo vem somar-se ao “estudo sistemático dos contatos” entre o Brasil e a Argentina que Emir Rodríguez Monegal já reivindicara em seu momento, e que os trabalhos de Jorge Schwartz e Raúl Antelo iniciaram no terreno da crítica. E vem acrescentar, de maneira complementar, outra peça no sugestivo caleidoscópio que a crítica brasileira está construindo com a figura de um de seus clássicos: Mário de Andrade. Com esforço e inteligência, os críticos continuam percorrendo e interpretando o arquivo infinito de Mário, e quem sabe um dia, como o Macunaíma da rapsódia, esses leitores críticos chegarão a deparar-se com a pedra mágica.